



ENSINO DE GEOGRAFIA, ARTE E CIDADANIA: TEATRO DO OPRIMIDO COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO DO ESPAÇO URBANO

Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira ¹
Emerson Ribeiro ²

RESUMO

As cidades brasileiras vêm crescendo de forma desordenada, sendo reflexo do espaço urbano capitalista complexo e excludente, gerando inúmeros problemas socioambientais. Logo, se faz necessário que todos os moradores das cidades estejam cientes dos seus direitos como sujeitos que fazem parte do espaço urbano. Neste contexto, o ensino de Geografia vai contribuir para formação do cidadão crítico, mediante um ensino-aprendizagem contextualizado do lugar onde o aluno está inserido, permitindo que esse possa atuar sobre o espaço urbano de forma eficaz. Para isso, o professor de geografia pode se utilizar de ferramentas mais lúdicas em suas aulas, têm-se assim, as potencialidades do uso das artes no ensino de Geografia, especificamente, o teatro do oprimido de Augusto Boal (2019) que pode ser utilizado para uma aprendizagem significativa sobre a cidade. Desse modo, o referido estudo tem como principal objetivo analisar as potencialidades do teatro do oprimido como ferramenta no ensino de geografia para compreensão do espaço urbano e a partir dessas análises compreender como o teatro do oprimido pode contribuir para formação do cidadão. A pesquisa tem cunho bibliográfico e faz parte de uma pesquisa em andamento de tese de doutorado em Geografia no PPGG/UFPB.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Espaço urbano, Teatro do oprimido, Arte, Cidadania.

TEACHING GEOGRAPHY, ART AND CITIZENSHIP: THEATRE OF THE OPPRESSED AS A TOOL FOR UNDERSTANDING URBAN SPACE

ABSTRACT

Brazilian cities have been growing in a disordered form, being reflecting the complex and exclusionary capitalist urban space, generating numerous socio-environmental problems. Therefore, it is essential that all city residents be aware of their rights as subjects within the urban space. In this context, the teaching of geography will contribute to the development of critical citizens through contextualized teaching and learning, where students to effectively act within the urban space. To this end, geography teachers can utilize more playful tools in their classes. In this context, the potential of using the arts in geography teaching is evident, specifically, Augusto Boal's (2019) theater of the oppressed, which can be used for meaningful learning about the city. In this way, the main objective of this study is to analyze the potential of theater of the oppressed as a tool in geography teaching for understanding urban space and, based on these analyses, to understand how theater of the oppressed can contribute to the development of citizens. This research is bibliographic in nature and is part of an ongoing doctoral dissertation in Geography at PPGG/UFPB.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, kalinafcf@gmail.com

² Doutor e professor da Universidade Regional do Cariri – URCA, do PROFGEO, do PMEDU-URCA e do curso de pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, emerson.ribeiro@urca.br



Keywords: Geography Teaching, Urban Space, Theater of the Oppressed, Art, Citizenship

INTRODUÇÃO

A geografia tem um papel importante para formação de um cidadão crítico, pois permite a compreensão do espaço geográfico e a atuação do sujeito no mundo. Para que o papel da geografia seja atingido, é preciso que o docente saia do ensino meramente mnemônico e se aproprie de uma geografia que proporcione a formação de uma educação humanitária e de um sujeito crítico-reflexivo; buscando realizar situações de aprendizagem na qual permita que o aluno alcance uma educação geográfica significativa, promovendo uma educação para a vida, ou seja, para a cidadania.

A promoção da cidadania pode ser alcançada através do ensino contextualizado da geografia urbana, tendo em vista que o aluno através da aprendizagem sobre o lugar que ele está inserido, vai permitir atuar sobre o espaço urbano de forma mais coerente. Afinal de contas, como bem afirma Cavalcanti (2008), a cidade educa em todos os seus espaços, devendo ser aprendida por todos seus habitantes. Portanto, se faz necessário um ensino capaz de formar um indivíduo em sua totalidade, para que assim ele possa compreender eficazmente a cidade, e tornar-se um cidadão crítico.

O professor pode se utilizar de recursos didáticos mais lúdicos, pois esses fomentam uma aprendizagem mais prazerosa. Isto posto, têm-se as potencialidades do uso das artes no ensino de Geografia, especificamente, do teatro do oprimido, de Augusto Boal (2019), que pode ser utilizado como uma ferramenta para compreensão do espaço urbano, promovendo o protagonismo e a formação cidadã do aluno; e permitindo o desenvolvimento de diferentes habilidades (leitura, imaginação, criticidade, oralidade, socialização, criatividade, etc.), as quais auxiliarão no desenvolvimento do ensino/aprendizagem em Geografia.

Neste contexto, o objetivo desta pesquisa³ é analisar as potencialidades do teatro do oprimido como ferramenta no ensino de geografia para compreensão do espaço urbano e a partir dessas análises compreender como o teatro do oprimido pode contribuir para formação do cidadão.

³ Esse estudo faz parte de uma pesquisa em andamento de tese de doutorado em Geografia no PPGG/UEPB, a qual está na fase exploratória.



METODOLOGIA

A referida pesquisa é bibliográfica, na qual buscou-se textos (artigos, teses, dissertações e livros) que discutam o teatro do oprimido na educação, especificamente do teatro do oprimido no ensino de geografia urbana. Entre os autores consultados têm-se: Boal (2019), Dória (2009), Cavalcanti (2008) e Viana (2023). Esse estudo faz parte de uma pesquisa em andamento de tese de doutorado em Geografia no PPGG/UFPB, que irá discutir como o teatro do oprimido contribui para o processo de ensino e aprendizagem em geografia urbana dos alunos do ensino médio, em duas escolas periféricas na cidade de Campina Grande-PB. A tese ainda está na fase exploratória.

PRODUÇÃO E PLANEJAMENTO DO ESPAÇO URBANO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: BREVE CONSIDERAÇÕES

A cidade se constitui como sendo uma área densamente povoada onde se agrupam zonas residenciais, comerciais e industriais. Elas surgiram há milhares de anos na Ásia e África através de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais e com o passar dos tempos foi se espalhando pelo mundo. São bastante complexas nas suas formas e funções e podem surgir de forma espontânea ou de forma planejada.

No decorrer dos tempos, principalmente com o advento da revolução industrial a população que vive em cidades aumentou. Pelo fato de nem todos os continentes terem ocorrido a urbanização de forma simultânea, em virtude da industrialização não ter ocorrido em todos os continentes ao mesmo tempo, a urbanização ocorreu de forma tardia e desigual, totalmente influenciada pelo capitalismo. Logo, a produção e o planejamento do espaço urbano são cheios de complexidade e/ou contradições, haja vista, ser a produção deste espaço algo condicionado pelo sistema capitalista.

O espaço urbano é formado pelos mais variados agentes: Estado, comércio, produtores fundiários, indústria, sociedade civil, etc; e, por conseguinte, de interesses ora iguais, ora divergentes, os quais vão produzindo e reproduzindo este espaço; portanto, os “jogos de interesses” dos agentes sociais fazem com que o espaço seja dinâmico e complexo. Desse modo, as transformações nesse, são realizadas de forma articulada e simultânea. Segundo Corrêa (2005, p.12):

O espaço urbano capitalista fragmentado, capitalista, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas– resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem



espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem (CORRÊA, 2005, p.12).

Mesmo que o espaço urbano capitalista seja condicionado quase que em sua totalidade pelo capital, gerando industrialização, urbanização, segregação socioespacial, etc.; é também envolto de processos culturais e sociais, ou seja, é perpassado tanto pela produção de bens materiais, quanto imateriais. Assim sendo, a produção do espaço, “é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e prática espaciais próprias, portadoras de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade” (CORRÊA, 2005, p.43).

Entre as complexidades do espaço das cidades capitalistas, tem-se o Estado como um dos agentes mais complexos na produção e reprodução deste espaço. Afinal de contas o Estado é “variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte” (CORRÊA, 2005, p.24). Isso ocorre pelo fato deste, ora atuar como consumidor do espaço, ora como grande industrial, além de ser agente de regulação do solo para os mais variados grupos sociais (CORRÊA, 2005).

Mediante esta complexa ação do Estado capitalista, o mesmo agirá sobre os interesses dos mais variados grupos, principalmente dos interesses da elite, contribuindo para a reprodução da sociedade capitalista. Portanto, a cidade será um locus de campo de lutas, onde os interesses da minoria, a elite, são preservados em detrimento das classes excluídas. A autora Carlos (2011, p. 64) afirma que:

[...] o sujeito da ação: o Estado, como aquele da dominação política; o capital, com suas estratégias objetivando sua reprodução continuada (e aqui nos referimos às frações do capital, o industrial, o comercial e o financeiro e suas articulações com os demais setores da economia, como o mercado imobiliário); os sujeitos sociais que, em suas necessidades e seus desejos vinculados a realização da vida humana, tem o espaço como condição, meio e produto de sua ação (CARLOS, 2011, p. 64).

Tomam-se como exemplo de espaço urbano capitalista, as cidades brasileiras. Essas vem crescendo bastante e em boa parte das vezes de forma desordenada, gerando inúmeros problemas socioambientais; apresentando um ambiente hostil pois seu espaço urbano é bem diferenciado entre si, tendo uma herança recebida de Casagrande. Essa simbologia com a Casagrande refere-se à questão de antagonismo entre espaço privado e público, comparadas as desigualdades existentes entre a Casagrande e a Senzala, e por sua vez as diferenças socioespaciais presentes nas cidades brasileiras desde seu surgimento no período colonial.



Esses problemas são causados por não ocorrer de fato um planejamento urbano eficaz e sim a execução de um planejamento conservador desde o período colonial (LEITÃO, 2017).

Percebe-se que cada vez mais, a gestão e o planejamento urbano no Brasil têm sido realizados de forma a privilegiar os nobres e o capital. E mesmo com o avanço advindo da Constituição Federal de 1988, mediante a criação de um capítulo específico sobre a política urbana, o Capítulo II - artigos 182 e 183 (BRASIL, 1988); promovendo com isso a criação de planos diretores – para cidades acima de 20 mil habitantes – e o Estatuto da cidade), esses avanços não acarretaram na prática em um planejamento totalmente democrático. Isto acaba beneficiando apenas a “cidade oficial”, ou seja, a cidade dos nobres, esquecendo-se da cidade “ilegal”, isto é, dos marginalizados (MARICATO, 2002). Logo, a questão da segregação socioespacial e outros problemas urbanos têm como base um planejamento urbano histórico-estrutural baseado na herança positivista.

Portanto, não é por falta de planos diretores ou leis que regulamentam o parcelamento e uso solo, e sim pela ausência de uma execução mais eficaz desses planos, que venha favorecer a todos. Na maioria das vezes, a gestão pública não tem comprometimento com a realidade concreta dos desfavorecidos; onde esses planos se aplicam apenas a uma parcela da população, a classe dominante, reproduzindo as desigualdades e privilégios, como bem afirma Maricato (2002) em sua obra: “As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias”.

Nesta conjuntura, surge a necessidade de que todos os moradores das cidades estejam cientes de seus direitos como sujeitos que fazem parte do espaço urbano. Diante disso, o papel da escola e do ensino de Geografia torna-se fundamental para a formação integral do cidadão.

Como forma de promover uma melhor compreensão da cidade e do urbano, o professor de Geografia pode utilizar o Teatro do Oprimido como ferramenta pedagógica, possibilitando que o aluno compreenda de maneira crítica o espaço urbano e, assim, desenvolva-se como um cidadão crítico e atuante em seu espaço de vivência. Logo, o ensino de Geografia assume um papel emancipador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, atuantes e comprometidos com a construção de cidades mais justas e democráticas.

Para que isso ocorra a educação precisa ser libertadora, problematizando a realidade e promovendo a humanização do sujeito. Segundo Freire (2005) através de uma pedagogia dialógica emancipatória, o sujeito deixará de ser um indivíduo oprimido, transformando-se num cidadão crítico, portanto, conhecedor de seu papel na sociedade. Porquanto, o teatro do oprimido vai fomentar um ensino de geografia, no qual possibilitará a problematização da realidade e uma melhor compreensão do espaço geográfico.



DO TEATRO GREGO AO TEATRO DO OPRIMIDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

O teatro é tão antigo quanto à humanidade, se apresentando nos momentos que o ser humano representava suas caçadas ou contava uma história para seus familiares, nas apresentações de seus rituais, etc (NEVES; SANTIAGO, 2010). Contudo, da forma como é conhecido atualmente tem suas origens na cultura ocidental, especificamente na Grécia antiga. Os registros históricos apontam que o teatro surgiu na Grécia antiga (V a. C) “nas cerimônias dedicadas ao deus Dioniso (Baco), o deus da primavera e do vinho. Religião e arte, neste momento, estão profundamente vinculadas (DÓRIA, 2009, p.27)”, tendo seu surgimento nas tragédias gregas.

O teatro se insere nas artes cênicas e está relacionado com a arte de representação e/ou interpretação do cotidiano, visto que “os seres humanos são seres narrativos, e é essa necessidade de contar histórias, de interpretar a realidade, de representar sentimentos, de dar voz a um grupo, de tornar palpáveis fragmentos de nosso imaginário que se constitui a essência da arte teatral” (DÓRIA, 2009, p.18).

Além disso, é “uma atividade que mistura artesanato e sofisticação, teoria e prática, espontaneidade e construção estética, racionalidade e irracionalidade, criatividade e técnica” (DÓRIA, 2009, p.18). Assim, a arte teatral se utiliza das expressões e comunicações dos seres humanos para representação e/ou dramatização da realidade, se utilizando de momentos lúdicos e estéticos.

O teatro teve grande destaque na cultura grega, tendo em vista que as artes contribuíam para a formação do cidadão grego, tendo uma grande importância para a educação da Grécia antiga. O potencial do teatro e de outras artes para a educação era algo preconizado tanto por Platão, quanto por Aristóteles, afinal de contas, as artes auxiliavam na formação de comunicação do ser humano. Todavia, isso não era bem visto por todos os povos.

Na idade média, por exemplo, os povos romanos, principalmente a igreja católica, não via essa arte com bons olhos, afirmando ser algo que agredia o sagrado, pois segundo eles mostravam temas profanos ou que blasfemavam o sagrado. Só no século IX com o imperador Carlos Magno, que ocorre uma reavaliação dos estudos aristotélicos sobre essa arte, trazendo o teatro para educação novamente, só que dessa vez como forma de propagar a fé cristã (REVERBEL, 1989).

Ao longo do tempo, o teatro funcionou como uma forma de promover uma educação moral e religiosa. Tem-se como exemplo, o uso do teatro no período colonial brasileiro, quando



os jesuítas utilizavam do teatro para auxiliar na conversão dos indígenas à fé cristã. Ademais, o teatro foi, por muito tempo, voltado apenas para a elite, e para ser apresentado em palcos, através de dramatizações ou encenações, e eram delegadas, em sua maioria, apenas a atores profissionais e, geralmente, as peças teatrais eram realizadas para mostrar apenas o viés religioso ou político das classes dominantes. Essa arte fica nesse formato, até basicamente meados do século XX.

Só a partir da década de 1960, que começa a ocorrer uma modernização do teatro. Assim, estudiosos da área teatral concebem a ruptura com o teatro ideológico, buscando assim a inserção do teatro em outros espaços sociais (escolas, espaços públicos, etc) e, por conseguinte, a democratização desse, para qualquer tipo de pessoa, independentemente de sua classe social. Segundo Ortecho (2010, p.21):

A modernidade defende outra constituição da arte teatral, como meio de comunicação independente entre os homens, fora do discurso teológico. A dramaturgia, mais do que um texto literário, é um documento histórico que atesta e transmite os ideais para a construção do homem durante a evolução dessa época (ORTECHO, 2010, p.21).

Alguns dos autores importantes para a democratização do teatro e que contribuíram para a introdução do teatro na educação são: a norte-americana Viola Spolin, com o seu livro “Improvisação para o Teatro”, publicado em 1992 (2015); as brasileiras Ingrid Dormien Koudela, com o livro “Jogos Teatrais” (2002), Olga Reverbel, com o livro “Um caminho do Teatro na escola” (1989) e o brasileiro Augusto Boal, com o livro “Teatro do oprimido e outras poéticas políticas” (2019).

Os supramencionados autores revolucionaram a arte teatral com o surgimento de novos métodos, que podem ser utilizados, tanto na escola, quanto em qualquer espaço, sejam por atores profissionais ou amadores. Porém, isso não significou que o teatro deixou de lado seu valor estético, apenas preconizou uma maior democratização dessa arte.

Spolin (2015) desenvolveu o método chamado de improvisação teatral e técnicas de jogos teatrais. Em seu livro “Improvisação para o teatro”, Spolin (2015, p. 4) afirma que, “todas as pessoas são capazes de atuar no palco”. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”. A autora relata ainda, sobre a importância da intuição, da espontaneidade do indivíduo para o processo criativo. Assim, através da ludicidade qualquer indivíduo aprenderá a atuar no palco ou em qualquer outro espaço, se utilizando da linguagem teatral. Isso pode ser realizado a partir da utilização do jogo teatral mediante a improvisação, ou seja, a intuição e experiência de cada um.



Como qualquer jogo, os jogos teatrais devem ter regras estabelecidas pelos participantes, ter objetivos claros e todos participantes devem atuar coletivamente. Segundo Spolin (2017, p. 30): “a maioria dos jogos é altamente social e propõe um problema que deve ser solucionado – um ponto objetivo com o qual cada indivíduo se envolve e interage na busca de atingi-lo. Muitas habilidades aprendidas por meio do jogo são sociais”.

As regras dos jogos teatrais estão baseadas na estrutura dramática: “Onde (espaço e cenografia)”, “Quem (os personagens)” e “O que (a ação dramática)”. As regras presentes nos jogos teatrais são apenas para manter a ordem do jogo; no entanto, elas não têm como objetivo inibir a criatividade dos integrantes que tem toda liberdade para improvisar sem ter medo de estar “certo” ou “errado”. Os participantes têm que usar toda sua energia para realizar o que for proposto na atividade teatral, sem perder a liberdade criativa e o prazer de estar atuando. Ainda de acordo Spolin (2015, p. 5):

A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual a tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação (SPOLIN, 2015, p. 5).

Os jogos teatrais apresentam três essências: foco, instrução e avaliação. O foco é o problema a ser solucionado, ou seja, o jogador/ator tem que ter foco/energia para chegar até o fim do jogo. A instrução é quando cada participante fala uma palavra ou frase para manter o foco do jogo. No início, o próprio jogo tem suas instruções pré-estabelecidas, todavia, o jogador vai aprendendo por meio de suas experiências, utilizando, assim, suas próprias instruções para manter o jogo eficiente. Isso permite interação, movimentos e transformação. Por fim, tem a avaliação, esta etapa não pode ser confundida com julgamentos ou críticas. A avaliação é o momento de verificar se o problema foi solucionado. Todas estas etapas devem estar pautadas na utilização da linguagem teatral. Nos jogos teatrais não existem ganhadores ou perdedores, e sim, o desenvolvimento do indivíduo como pessoa (SPOLIN, 2017).

Portanto, os jogos teatrais são um grande aliado para trazer entusiasmo para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são passatempos, pelo contrário, eles trazem além de prazer pelo estudo, a criticidade dos educandos sobre os problemas cotidianos e o desenvolvimento intelectual dos educandos (SPOLIN, 2017).

Augusto Boal (2019), criador do Teatro do Oprimido (TO), também dá sua contribuição à renovação do teatro, afirmando que essa arte deve ser praticada por qualquer pessoa e em qualquer lugar, haja vista, ser uma ferramenta de transformação social no sentido



de libertação dos oprimidos. Assim, na medida em que se problematiza a realidade numa encenação teatral, seja o ator profissional ou amador, ele está se transformando como pessoa e transformando os espectadores, pois estes farão parte da arte teatral, às vezes como espectadores, outras vezes como atores.

Boal (2019) também se utilizou dos jogos teatrais para realização do teatro do oprimido. Além disso, desenvolveu as seguintes técnicas: teatro legislativo, teatro invisível, ações diretas, teatro jornal, teatro imagem, teatro fórum, etc. O teatro jornal consiste em utilizar de textos jornalísticos em cenas teatrais, servindo para desmistificar a suposta imparcialidade dos meios de comunicação. O teatro fórum é um dos mais democráticos, pois neste os “spect-atores” são convidados a participar da cena, atuando teatralmente, falando seus pensamentos e indagações. Logo, o teatro é um ensaio para a vida real.

Esses autores, são alguns dos que contribuíram para a modernização do teatro e para reafirmação da importância da arte teatral para a formação humanitária do indivíduo, por conseguinte, para a educação. Nesse contexto, “há particularidades no que tange ao teatro como forma espetacular e o teatro como perspectiva didática em dada formação educacional” (COSTA, 2004, p. 102), ou seja, o teatro espetacular, é aquele trabalhado pela dramaturgia, isto é, praticado por profissionais; já na perspectiva didática é aquele utilizado na educação.

Sendo assim, o teatro pode ser usado na educação em dois formatos, o teatro pedagógico e o teatro-educação; o primeiro funciona “como ferramenta pedagógica na sala de aula, com o objetivo de fixar conhecimentos, e o teatro-educação com fins socioculturais e artísticos, geralmente oferecido como atividade extracurricular” (COELHO, 2014, p.1215). Segundo Costa (2004, p.103):

O teatro-educação também caminha em outra direção em relação ao teatro pedagógico, que consiste numa forma de instrumento ou ferramenta pedagógica na educação. Mas o teatro-educação vai além dessa abordagem contextualista ou instrumental que difere da perspectiva essencialista ou estética que defende a presença do teatro em situações de aprendizagens, seja na escola ou em outros espaços educacionais (COSTA, 2004, p.103).

Dessa forma, “o teatro pode ser um excelente instrumento na educação, incorporado por diferentes áreas para realização de uma educação plena” (GRANERO, 2018, p.75). O docente pode utilizar o teatro pedagógico, seja em forma de dramatizações, espetáculos teatrais, teatro do oprimido, jogos teatrais, entre outros métodos/técnicas da linguagem teatral para promoção de uma aprendizagem significativa. Logo, o “teatro na escola é um instrumento importante para o desenvolvimento pessoal, para a formação do caráter e para a construção de cidadania” (SANTOS; CHIAPETTI, 2011, p.169).



Neste âmbito, pode-se mencionar aqui, a utilização do teatro do oprimido no ensino de Geografia para fins pedagógicos, utilizando-o para abordagem de qualquer conteúdo geográfico, entre eles, para o estudo da Geografia urbana, desenvolvendo assim o processo de ensino aprendizagem da geografia escolar, tendo em vista ser o teatro “uma estratégia dinâmica que pode envolver os alunos sobre o aprofundamento do estudo sobre o tema, ao mesmo tempo que desperta o interesse com as questões abordadas, incentivando e estimulando o estudo e reflexão sobre os conteúdos geográficos” (SIMÕES, 2014, p.11), auxiliando para que o discente faça a leitura do mundo de forma mais eficaz. Segundo SOARES (2013, p. 66):

O teatro surge como um aliado na busca por olhares diferentes sobre a realidade. Propõe uma abertura para a espontaneidade; a criatividade e o trabalho coletivo. Um ensino, no qual os alunos atuem como agentes de seu conhecimento, com autonomia e liberdade, e os professores mediem, coordenem e direcionem as ações a serem realizadas (SOARES, 2013, p. 66).

Logo, o teatro do oprimido no ensino de geografia urbana contribui para que os discentes se percebam como sujeitos sociais, e assim desenvolvam sua cidadania, visto que, “a prática do teatro levam os alunos para a cena e lhes dão voz, ajudando a formar cidadãos, capazes de compreender a sua realidade e mesmo de modificá-la” (SOARES, 2013, p.79).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O teatro do oprimido (TO), de Augusto Boal (2019) foi escolhido para a referida pesquisa por apresentar potencialidades para uma aprendizagem contextualizada da geografia urbana, por meio do desenvolvimento de habilidades de criticidade, criatividade e reflexão do aluno sobre o espaço urbano capitalista, permitindo o despertar da consciência de classes através de um olhar mais apurado sobre a cidade.

O teatro do oprimido (TO) foi criado na década 1970 pelo dramaturgo Augusto Boal. Boal (2019) visava um teatro mais democrático, que pudesse ser usado por atores e não atores. Entre as técnicas do TO têm-se: o teatro legislativo, teatro invisível, ações diretas, teatro jornal, teatro imagem, teatro fórum, as técnicas do arco-íris do desejo e a estética do oprimido.

Boal foi exilado 1971 no período da ditadura militar no Brasil, desenvolvendo vários projetos de teatro pelo mundo. Foi na sua estadia na Argentina e Peru que o TO foi estruturado. No Peru ele elaborou o Teatro Fórum e o Teatro Imagem e publicou em 1973 a primeira edição do seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”. É só em 1986 que ele retornou ao Brasil e criou o projeto de multiplicadores do teatro do oprimido.

Boal (2019) afirma que o teatro do oprimido é uma forma de transformação social para



libertação dos oprimidos. Logo, essa arte é um ensaio para a vida real, tendo um enorme potencial na formação do indivíduo, e, portanto, “pode ser um aliado dentro da dinâmica escolar. Podendo contribuir para a efetivação de uma educação crítica, participativa e emancipatória. [...] Seu caráter humanista o mantém atual, o que favorece a articulação dos processos estéticos com as questões do agora” (VIANA, 2023, p. 16).

Neste contexto, o TO no ensino de geografia urbana contribui para que os discentes se percebam como sujeitos sociais, visto que, “o processo do teatro do oprimido, além de democratizar o teatro, serve como uma forma de incluir o indivíduo na sociedade, trabalhando com grupos de minorias, estabelece uma comunicação direta e ativa entre espectadores e atores” (DALL’ORTO, 2008, p.2)

Através da utilização do teatro do oprimido no ensino-aprendizagem em geografia é possível se atingir a formação integral do cidadão; aqui consideramos cidadão “o indivíduo num lugar” (SANTOS, 2007, p. 151), porquanto, compreender a cidadania em sua concretude passa pela compreensão do espaço onde o indivíduo está inserido. E assim, esse “não será mero espectador do processo, mas, cada vez mais, sujeito, na medida em que, crítico, capta suas contradições” (FREIRE, 2011, p.72).

“Eis o caráter pedagógico do Teatro do Oprimido muito próximo à filosofia de Paulo Freire “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam entre si, construindo um novo caminho” (PEREIRA, 2008, p. 78). Freire (2005) em seu livro pedagogia do oprimido vai afirmar que a educação permite libertar os oprimidos da opressão que estão vivendo, isso só pode ser alcançado por meio de uma educação libertadora, dialógica e conscientizadora, na qual os sujeitos tomaram consciência da sua própria opressão e alcançaram sua emancipação.

Dessa forma, o uso do TO nas aulas de geografia urbana permitirá que o aluno compreenda a cidade como um lócus de sua vida urbana, atuando na sociedade como sujeito de transformações, estimulando a consciência política e social e o desenvolvimento da criticidade; contribuindo assim, para a aprendizagem da categoria lugar, pois irá permitir trabalhar com temas locais, promovendo uma aprendizagem contextualizada do lugar de vivência do aluno e partir dos conhecimentos da vivência da sua cidade, os alunos serão capazes de compreender as outras categorias geográficas.

É notório a importância do cotidiano dos alunos nas aulas de geografia, propiciando que mediante seus conhecimentos prévios possam aprimorar os conhecimentos científicos, e assim melhor compreender o lugar que estão inseridos.

Percebe-se, portanto, que o teatro do oprimido contribui para compreensão da Geografia



urbana, pois vai proporcionar um olhar crítico sobre o espaço urbano, discutindo temáticas relevantes, como as violências, minorias sociais, preconceitos, desigualdades sociais, questões ambientais, entre outras problemáticas que permeiam o espaço urbano.

Sobre essas temáticas, especificamente das questões ambientais, têm as discussões dos autores Silva e Abílio (2011) e Serradourada (2011) que afirmam a importância da utilização do TO para uma melhor abordagem da educação ambiental.

Segundo os autores Silva e Abílio (2011, p.75): “a metodologia do TO funcionou como motor para esta experiência como uma EA lúdica, participativa e crítica”. Já de acordo com a autora Serradourada (2011, p. 10): “O teatro do oprimido entra como instrumento da EA por fazer a ligação necessária que precisamos do ser com o meio em que vive. [...] só é possível existir transformação se compreendermos de que maneira estamos inseridos no mundo”.

Mesmo que esses autores discutam sobre a educação ambiental, eles contribuem e confirmam que através do TO é possível, por exemplo, trabalhar os problemas ambientais presentes nas cidades brasileiras, discutindo assim temas tão urgentes, fazendo com que o aluno perceba a relevância dos conhecimentos geográficos para compreensão da sociedade.

Ademais, o teatro do oprimido nas aulas de Geografia também proporciona a formação de um aluno pesquisador, pois no processo de elaboração de um roteiro teatral ou em outras atividades teatrais, é preciso que o aluno, além dos conhecimentos aprendidos com o professor, busque pesquisar coisas novas, permitindo com isso aguçar seu poder de investigação sobre a sociedade. “Desta forma, aliando a Geografia à arte teatral, enriquece-se o aprendizado dessa disciplina, tornando-a desafiadora” (SOARES, 2013, p.66), isto é, torna a aprendizagem geográfica mais instigante.

Assim sendo, a utilização dessa arte na aprendizagem geográfica possibilita a construção do conhecimento de forma mais lúdica, motivando o aluno a gostar de estudar geografia, fomentando os processos criativos dos alunos, fugindo das práticas tradicionais que não levam o aluno a pensar, indo ao encontro de um ensino que impulse a criatividade e criticidade no discente, auxiliando para a formação de alunos mais proativos e sujeitos crítico-reflexivos.

Por fim, a utilização do teatro do oprimido no ensino/aprendizagem de Geografia não tem como objetivo transformar alunos em atores, e sim utilizar das potencialidades desse recurso para um ensino de Geografia significativo e contextualizado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial bibliográfico analisado, percebe-se que a utilização do teatro do oprimido no ensino e aprendizagem de Geografia promove uma melhor compreensão do espaço urbano, de forma significativa e contextualizada, permitindo desenvolver a cidadania do aluno e sua melhor compreensão sobre o espaço que está inserido.

Todavia, mesmo com as potencialidades do teatro do oprimido, é perceptível que ainda existem poucos referenciais teóricos da utilização dessa arte no ensino de geografia, tendo em vista que só foram encontradas até o momento, artigos, dissertações e teses da utilização dessa arte no ensino-aprendizagem de outras disciplinas escolares, sendo portanto, um campo abrangente para pesquisas que discutam o teatro do oprimido como uma ferramenta que fomente o processo criativo e a cidadania do aluno no ensino e aprendizagem na disciplina de geografia na educação básica, entre eles no ensino de geografia urbana.

REFERÊNCIAS

- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].
- CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- DALL'ORTO, F. C. **O teatro do oprimido na formação da cidadania**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. 2008 Vol. 5 Ano V nº 2 ISSN: 1807-6971.
- CARLOS, A. F. A. **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza, Maria Encarnação Beltrão Sposito (organizadores). – São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTA, A. S. **Teatro – Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação**. Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade, vol. 9, n. 8. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v9i8.281>. Acesso em: 30 de jun. de 2022.
- COELHO, M. A. **Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva**. Polêmica. Vol.13. Ed. 2. p. 1208-1224. RJ, 2014.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática, 2005.
- DÓRIA, L. M. F. T. **Linguagem do Teatro**. (Coleção metodologia do ensino de artes, v.7) Editora Ibpex, Curitiba, 2009.



- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GRANERO, V. V. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LEITÃO, L. **Quando o ambiente é hostil: Uma leitura urbanística da violência à luz de sobrados e mucambos e outros ensaios gilbertinianos**. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p.117-147.
- MARICATO, E. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. 3ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- NEVES, L. R. SANTIAGO, A. L. B. **O uso dos jogos teatrais: possibilidades diante do fracasso escolar**. Papirus Editora. Campinas-SP, 2010, 2ª Ed.
- ORTECHO, J. M. L. **A democratização da dramaturgia no teatro contemporâneo**. Rebento-Revista de Artes do Espetáculo, Instituto de Artes, nº. 2 (jul. 2010) - São Paulo: 2010. p. 17-25. Disponível: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/15> Acesso em: 12/06/2021.
- REVERBEL, O. **Um caminho do Teatro na escola**. São Paulo. Editora Scipione Ltda, 1989.
- PEREIRA, G. S. B. et al. **Uma experiência de teatro fórum dentro do MST**. Metaxis, n. 5, 2008.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- SILVA, F. J. R. ABÍLIO, F. J. P. **O Teatro do Oprimido como instrumento para a educação ambiental**. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 2 – p. 61-78, 2011.
- SERRADOURADA, R. N. **Espaço o teatro do oprimido como instrumento da educação ambiental na construção de um modelo de ensino transdisciplinar**. II SEAT – Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade. UFG / IESA / NUPEAT - Goiânia, maio de 2011.
- SIMÕES, M. R. **Dramatização para o ensino de Geografia**. Editora Entorno. Nova Iguaçu-RJ, 2014.
- SOARES, L. M. S. **Teatralizando o ensino de Geografia**. Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 3, n. 5, p. 57-81, jan./jun., 2013.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. [Tradução e revisão KOUDELA, Ingrid Dormien e Eduardo José de Almeida Amos]. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SPOLIN, V. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para professor**. São Paulo: Perspectiva, [Tradução e revisão KOUDELA, Ingrid Dormien] 1ª reimpressão. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

VIANA, W. R. **Teatro do oprimido: um método oportuno para as escolas da educação básica.** Revista NUPEART, Florianópolis, v. 27, p. 2, 2023.